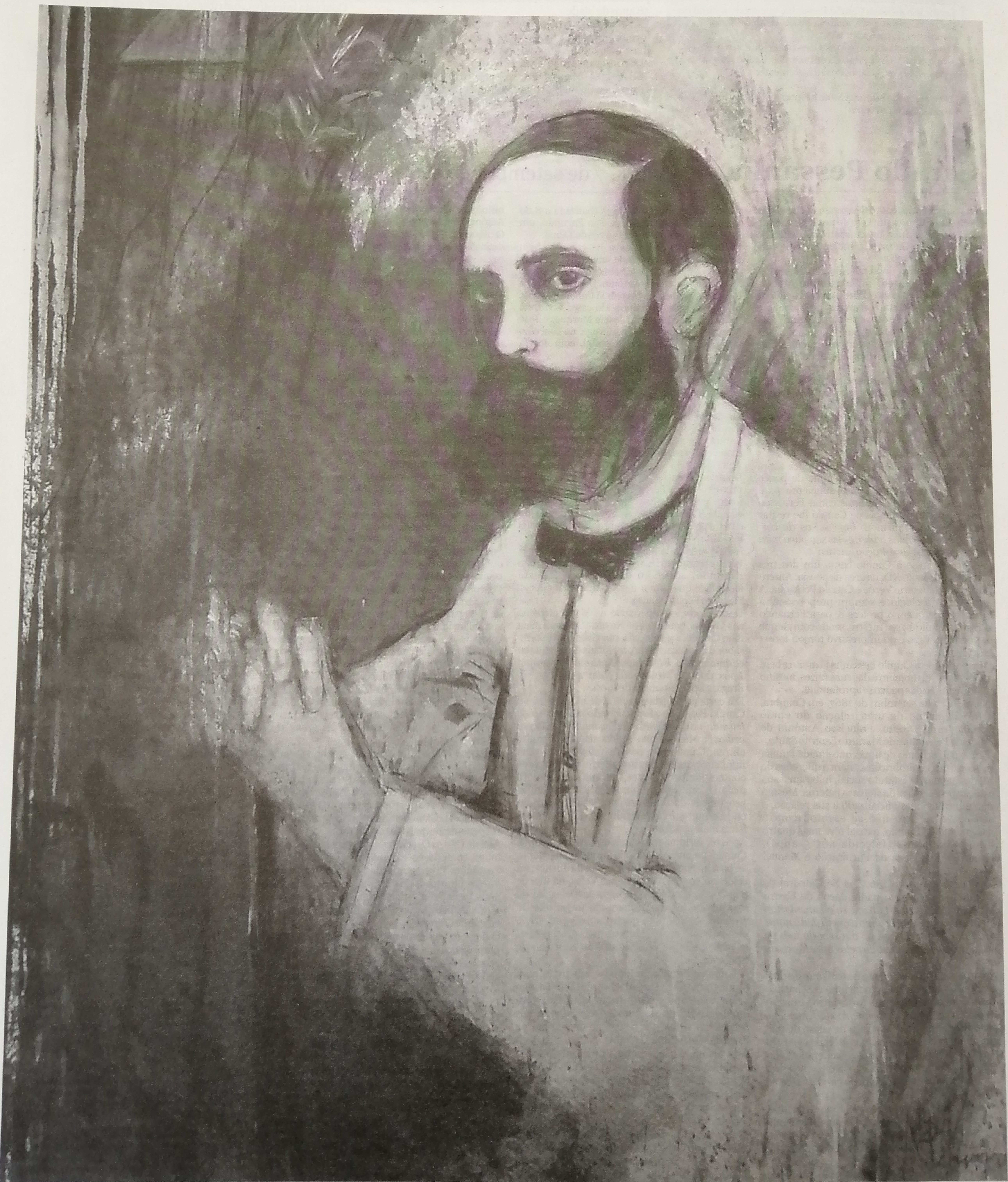
Homenagem ao Poeta

Camilo Pessanha

7 de Setembro de 2017



fonte contínua de exaltação estética

Fernando Pessoa

A Editorial Moura Pinto tem desde a sua fundação uma História e uma Geografia.
A História de lembrar Homens e Mulheres que da lei da morte se libertaram, como nos ensinou Luís de Camões, e que fizeram da excelência do seu entendimento uma erudição eterna, da excelência do seu conhecimento um legado de cultura excepcional e pelos seus exemplos de humanismo souberam criar humanidades.
A nossa Geografia, sendo de todo o nosso Portugal, é naturalmente centrada na zona da Serra do Açor, com especial destaque para Tábua, Arganil, Góis e Oliveira de Hospital.
Cumpre hoje um dever:
Lembrar o angélico Camilo Pessanha, que sendo natural de Coimbra, gozou a sua infância no concelho de Tábua, bem como parte da sua juventude.
Este poeta notável não pode ser desconhecido dos tabuenses.
A Editorial Moura Pinto é com orgulho imenso que aqui e agora celebra os 150 anos do seu nascimento.

O Presidente da Editorial Moura Pinto:
Carlos Maia Teixeira

Homenagem a Camilo Pessanha

Camilo de Almeida Pessanha, nasceu em Coimbra em 7-9-1867, filho de Francisco António de Almeida Pessanha e de Maria Espírito Santo Duarte Nunes Pereira, nascida em S. Fagundo, freguesia e concelho de Tábua. Fez o seu percurso académico em Coimbra, licenciou-se em Direito, exerceu a sua atividade como advogado, procurador régio, juiz e professor de filosofia, em diversos pontos do país e em 1894 deixou Portugal e foi para Macau, onde veio a falecer em 1-3-1926, apenas com 58 anos de idade.
Escreveu inúmeros poemas, que publicou em revistas e jornais e mais tarde em 1920, foi publicado o seu único livro "Clepsidra", quando já se encontrava em Macau.
Ao comemorar os 150 anos do seu nascimento, a "Editorial Moura Pinto" decidiu prestar justa Homenagem ao Poeta e Homem da Cultura, Camilo Pessanha, a que o "Município de Tábua", se associa, dadas também as suas raízes de Tábua e o seu legado cultural, mediante a colocação de um painel, com um dos seus versos, no Jardim Sara Beirão, espaço de lazer e também de homenagem à escritora Sara Beirão, constituindo um zona nobre da nossa vila, onde se encontra também a Capela do Senhor dos Milagres.
Igualmente na Biblioteca Municipal João Brandão, espaço municipal aberto a todas as atividades culturais, a sala da leitura passará a denominar-se de "Camilo Pessanha", perpetuando-se também ali a sua obra poética.
Com esta iniciativa contribuímos para que os Tabuenses e aqueles que nos visitam sintam a nossa Gratidão e Reconhecimento a todos aqueles, cujo legado cultural chegou até aos nossos dias e que temos o dever de HONRAR E DIVULGAR, com especial destaque para os naturais do concelho de Tábua ou seus descendentes.

Mário de Almeida Loureiro
(Presidente do Município de Tábua)

Camilo Pessanha - (Coimbra, 7 de setembro de 1867 – Macau, 1 de março de 1926)

A 15 de março de 1926, o Congresso da República Portuguesa aprova um voto de pesar pela morte de Camilo Pessanha, uma iniciativa do deputado Alfredo Pedro Guisado[1], também ele um poeta da geração de *Orpheu*.
Camilo Pessanha tinha falecido, duas semanas antes (1 de março) no longínquo Macau, território onde passou grande parte da vida de uma forma discreta e marcada pela abulia e doença pelo vício do ópio e pelo amor à arte[2].
Terminava aos 59 anos de idade uma vida cinzelada por amores, desamores e excessos que foram para além do que a sua débil saúde permitia.
Legou-nos Camilo o melhor conjunto de poemas simbolistas portugueses, que exerceram profunda influência na geração de *Orpheu*, criando com a sua poesia uma arte meticulosa no tratamento musical e evocativo do verso que muito lembra a de Verlaine, um dos poetas franceses mais considerados[3].
Infelizmente o todo da sua obra poética ficará sempre escasso, um magro volume de pouco mais de cem páginas[4], mas suficiente para impressionar vultos literários como Fernando Pessoa, que anos depois de Camilo lhe recitar alguns poemas afirmou: *hoje sei-os de cor, aqueles cujas cópias tenho, e eles são para mim fonte contínua de exaltação estética*[5].
Pessoa refere-se a Camilo como um dos três mestres do século XIX na área da poesia: Antero de Quental, Cesário Verde e Camilo Pessanha. A grandeza do elogio é sempre proporcional à grandeza de quem o profere e, para Fernando Pessoa, Camilo é o seu mestre, sendo com ele que a poesia do vago e do impressivo tomou forma portuguesa[6].
Mas se do poeta Camilo Pessanha já muito e bem se escreveu, do homem e das suas raízes, mesmo sendo conhecidas pouco se aprofundou.
Nascido a 7 de setembro de 1867, em Coimbra, fruto ilegítimo de uma relação do então estudante de Direito, Francisco António de Almeida Pessanha e de Maria do Espírito Santo.
Para o pai, oriundo de uma conceituada família aristocrática conimbricense, nem a diferença de idades, nem a de estatuto social, inibiram a sua atração pela serviçal da sua casa paterna. Mesmo que nunca tenham oficializado a sua relação, o seu envolvimento não se esgotou com o nascimento de Camilo, o casal teve mais quatro filhos: Madalena (falecida aos 5 anos), Francisco, Madalena da Purificação e Manuel Luís.
A 30 de outubro de 1867, na Sé Catedral de Coimbra (Sé Nova), o padre Jacob de Castro Mendes de Carvalho *batizou solenemente um indivíduo do sexo masculino a quem deu o nome de Camilo e que nasceu no dia sete do mês de setembro próximo passado pelas onze horas da noite*[7].
Assim consta no seu assento de batismo, do qual retiramos também que o padrinho é Sebastião José Conde, natural de Monsanto, Castelo Branco, *estudante do primeiro ano jurídico*, porventura um amigo e colega de curso do pai, que demorará perto de duas décadas para o perfilhar. Camilo é, assim, considerado filho natural de Maria do Espírito Santo, solteira, natural de Tábua e moradora *ao cimo do Bairro de Santa Ana*.
Desta tabuense pouco sabemos até aqui, quem é, quando veio para Coimbra e quando é que ingressou em casa do avô de Camilo, Francisco António Pessanha, um prestigiado juiz de Direito.
O que a levou a deixar o seu rincão natal e ir "servir" para Coimbra deverão ter sido os mesmos motivos que levaram tantos tabuenses, antes e depois dela, a deixarem uma terra que, apesar de árduo trabalho, pouco lhes dava e ir à procura, não só de um futuro melhor, mas sim de um presente que o permitisse almejar.
Maria do Espírito Santo Duarte Nunes Pereira nasceu a 2 de março de 1835 (batizada a 8 do mesmo mês[8]), em Casal de São Fagundo, um pequeno lugar mesmo junto à vila de Tábua.
O seu lado paterno estava há gerações bem enraizado nessa localidade tabuense, o seu pai António Duarte era de lá natural, assim como os seus avós paternos António Duarte e Maria Marques, também os bisavôs lá tinham nascido, Manuel Duarte, que tinha ido casar à vizinha localidade da Torre com Josefa Marques e José Marques que fora casar a Meruge, no concelho vizinho de Oliveira do Hospital, com Josefa Maria.
O lado materno é de origens mais diversificadas, os seus bisavôs maternos não eram do concelho de Tábua, João Nunes, natural de Parada, concelho de Carregal do Sal, casou com Maria em Santo Amaro, freguesia de Midões (então concelho); José Henriques veio de mais longe, natural de Abrunheira, concelho de Pinhel, casou em Pereira, freguesia de Mouronho, com Ana Pereira.
Dois dos filhos desses casais, Manuel Nunes do primeiro e Rita Pereira do segundo, casaram e foram viver para Alvarelhos (parte integrante da vila de Tábua), onde moravam aquando do casamento, em 24 de outubro de 1832, da sua filha Rita Nunes Pereira.
Após esse casamento, o neófito casal, Rita Nunes Pereira e António Duarte, fixa residência em São Fagundo, concelho de Tábua, e é nesta localidade que vem a nascer, três anos depois, Maria do Espírito Santo.
Desconhecemos o percurso de Maria até esta, aos 32 anos, batizar na Sé Nova de Coimbra o seu filho Camilo, a partir daí a sua vivência é feita ao sabor das colocações profissionais do jurista seu companheiro Francisco António Pessanha. Após doença prolongada vem a falecer em Braga, a 14 de dezembro de 1900.
Em carta ao pai, datada de 4 de maio de 1894, Camilo Pessanha afirma: *eu não me lembro de ter tido uma infância (os cismáticos nascem velhos)*[9]. Mas mesmo sendo cismático, como afirma, Camilo não nasceu velho e teve uma infância que em muito diferiu da dos seus contemporâneos. Estes, na sua esmagadora maioria, dificilmente ultrapassavam os limites geográficos do seu horizonte visual, morriam onde sempre tinham vivido sem irem além do feirar mais próximo.
Após ter terminado o curso de Direito, o pai de Camilo na sua caminhada profissional, que o levou a juiz do Supremo Tribunal da Justiça, foi colocado em 1870 na Vila das Velas, na ilha de São Jorge, exercendo o cargo de Delegado do Procurador Régio. Permaneceu nessa ilha do arquipélago açoriano quatro anos e, em 1874, passou para Trás-os-Montes, mais precisamente para a vila de Mogadouro, no concelho de Bragança.
A família Pessanha mudou-se, em 1878, para Lamego, onde Camilo completa o ensino primário. A sua estadia nesta localidade teve uma duração de dois anos, regressando aos Açores em 1880, por colocação de seu pai na Praia da Vitória, ilha Terceira.
Juiz errante, o patriarca Francisco António Pessanha ainda será colocado em Vila Nova de Foz Côa (1883) e Vila Pouca de Aguiar (1884), mas Camilo já não acompanhou os seus pais, as exigências dos estudos secundários já não o permitiram.
O ano de 1884 foi marcante para Camilo, o estudante do Liceu Central de Coimbra[10] termina o secundário e matricula-se, a 9 de outubro[11], na Faculdade de Direito de Coimbra, mas a relevância desse ano não termina com o seu ingresso na universidade, seu pai legitima o que nunca escondeu, perfilhando-o na cidade que o tinha visto nascer 17 anos antes.
Completa, em 1895, o 1.º ano do curso de Direito ao mesmo tempo que compõe o seu primeiro poema, *Lúbrica*, versos com uma evidente influência de Cesário Verde, como assinala António Dias Miguel.
O mesmo estudioso de Camilo Pessanha assinala o seu excelente percurso académico, ressalvando a reprovação no 4.º ano, em 1888, fruto de uma doença nervosa que o afastou dos bancos universitários durante os dois anos seguintes.
Francisco Carvalho e Rego, antigo aluno de Camilo em Macau, na biografia que escreveu sobre o poeta dá uma outra pista para a reprovação, afirma ele que se deveu a uma paixão não correspondida por Madalena Canavarro.
A boémia coimbrã foi parte bem vivenciada por Camilo desenvolvendo nela a sua vocação literária e colaborando em várias publicações como a *Gazeta de Coimbra, Intermezzo e O Novo Tempo*.
Camilo regressa aos estudos em 1890, matriculando-se a 7 de outubro, formando-se a 16 de junho do ano seguinte.
Para passar uns dias de férias do verão de 1891 escolhe a terra da sua avó materna, Pereira, na freguesia de Mouronho, concelho de Tábua[12].
Em setembro desse mesmo ano toma posse do cargo de subdelegado do Procurador Régio de Mirandela, concurso no qual tinha ficado em quarto lugar entre cinquenta concorrentes, e onde rapidamente entra em rota de colisão com o juiz Abílio Adriano de Sá.
Desconhece-se por quanto tempo permanece nas margens do Tua, mas no primeiro semestre de 1892 passa várias temporadas no Lamego da sua infância e para onde o seu pai havia sido colocado. Foi por terras lamecenses que sofreu novo desgosto de amor, apaixonado por Maria do Céu Girão fica destroçado quando esta prefere o seu irmão Francisco[13].
No final de 1892 pede transferência para Óbidos onde reencontra, como juiz municipal, o seu colega e amigo Alberto Osório de Castro, a quem mais tarde dedica o poema *Paisagens de Inverno*.
Em Óbidos encontra também o amor da sua vida, Ana de Castro Osório, irmã do seu amigo Alberto, só que esta, mesmo demonstrando afeição pelo poeta, já estava comprometida, recusando respeitosamente os avanços amorosos de Camilo permite que este a visite nas vésperas da sua partida para Macau.
Ana de Castro Osório teve um papel fundamental na compilação e edição da obra de Camilo Pessanha. Proprietária das Edições Lusitânia, foi ela que através do seu filho, João de dezassete anos, persuadiu o poeta a passar para o papel muita da poesia que viria a encorpar a primeira edição de *Clepsidra*.
O desgosto de amor não foi a causa que o levou para Macau, o pedido de casamento a Ana aconteceu em dezembro de 1893, mas já em agosto desse ano Camilo tinha concorrido para lecionar no território asiático.
Coincidência, no mesmo mês em que foi recusado por Ana, foi aceite como professor de Filosofia Elementar, do Liceu Nacional de Macau, para onde partiu a 19 de fevereiro de 1894.
Em abril desse ano confessa ao seu amigo Alberto Osório de Castro a dor e o desespero de estar só, longe de todos e de tudo: *Agora, que solidão a minha! Se alguma vez voltar, meu pai já não há-de estar em Lamego, e em Mouronho não tenho nada: nem parentes, nem amigos, nem duas telhas para me cobrirem. Nem Mangualde, nem Óbidos e a quinta da Pegada, para eu ter minha Mãe em casa minha.*
Em Macau a sua integração nunca foi total, principalmente porque o nunca quis e porque as suas ligações com o sexo oposto não eram de todo bem vistas.
À semelhança do seu pai e do seu avô ligou-se a Lei Ngoi Long, sua governanta, de quem teve o filho João Manuel, nascido a 21 de novembro de 1896, quando se encontrava em Lamego com baixa de 90 dias dada pela Junta Médica de Macau.
A 16 de fevereiro de 1899 foi nomeado Conservador do Registo Predial de Macau, não tomando posse por incompatibilidade com o cargo que ocupava no Liceu Nacional do território. No ano seguinte, após anuência do ministro da Marinha e do Ultramar (Francisco Felisberto Dias Costa) e de se ter demitido do cargo de professor do ensino secundário, em 23 de junho de 1900, toma posse do cargo de Conservador.
A sua débil saúde obriga-o a passar longos períodos de recuperação longe da húmida província macaense, em 16 de abril de 1904, foi empossado como Juiz de Direito Substituto de Macau, mas um agrave anemia obriga-o a regressar à metrópole onde passa praticamente quatro anos. Em novembro de 1907 confidencia ao seu amigo João Baptista de Castro que, devido aos cuidados da sua família, *começa agora a alvorecer o meu espírito, quanto à saúde do corpo creio bem que definitivamente a perdi.*
Regressa a Macau no início de 1909 onde retoma as funções de Conservador e de professor.
Camilo aproximou-se também da Maçonaria, sendo iniciado na Loja Luís de Camões, onde ficou com o número 6 980 e escolhendo Angélico como nome simbólico maçónico.
Repartindo o seu tempo pelo ensino e pela aplicação da justiça, não dá descanso à sua veia poética e é com indisfarçável contentamento que vê, em outubro de 1920, a edição de *Clepsidra*.
Vive agora com Kuok Ngan Yeng (Águia de Prata), filha da mãe do seu filho, que em testamento de 30 de julho de 1921 é favorecida em detrimento do seu próprio filho.
A doença mina-o, passa a maior parte dos dias em casa e é lá, na Rua da Praia Grande n.º 75, às oito da manhã do primeiro dia de março de 1926, que a morte leva o poeta[15]. Na cabeceira repousava um rosário antigo, que sempre o acompanhou, pertença de sua mãe, a tabuense Maria do Espírito Santo.

Coimbra – 2 de Agosto de 2017
Fernando Pais

[1] Debates Parlamentares – Diário da Câmara dos Deputados, Sessão n.º 52, p. 1.
[2] Isabel Pascoal, in Introdução a Clepsidra, (2ª ed.), Braga, Editora Ulisseia, Biblioteca de autores portugueses, 1996, p.11
[3] António José Saraiva e Óscar Lopes – História da Literatura Portuguesa, Porto Editora, 1976, p. 1058.
[4] Jacinto do Prado Coelho - Dicionário de Literatura, Porto, 1979, p. 817.
[5] Arquivo Pessoa – Carta a Camilo Pessanha, http://arquivopessoa.net/textos/1146
[6] Obras de Fernando Pessoa, III, 1986.
[7] Arquivo da Universidade de Coimbra – Paróquia da Sé Nova, Batismos 1851-1868, Referência: CBR25-002-0011_m0188.tif
[8] Arquivo da Universidade de Coimbra – Paróquia de Tábua, Batismos 1851-1868, Referência: CBR25-002-0011_m0188.tif
[9] Biblioteca Nacional de Portugal – Cronologia da Vida e Obra de Camilo Pessanha - http://purl.pt/14369/1/cronologia1894.html#1
[10] Futuro Liceu José Falcão
[11] Arquivo da Universidade de Coimbra – Índice de alunos da Universidade de Coimbra, Código de Referência: PT/AUC/ELU/UC-AUC/B/001-001/P/004214.
[12] Biblioteca Nacional de Portugal – ob. cit.
[13] J. Guerra e J. Vieira – Aula Viva, Porto Editora, 1999, p. 294.
[14] RTP – Camilo Pessanha, Um Poeta ao Longe.
[15] Foi sepultado no dia seguinte numa campa rasa no Cemitério de São Miguel, sepultura onde posteriormente foram enterrados o seu filho João e a mulher deste, o que obstaculiza a sua
exumação e a transferência dos seus restos mortais para o Panteão Nacional, como pretendido por um apetição analisada na Assembleia da República.

Camilo Pessanha (1867-1926)

"O mais, que é tudo, é Camilo Pessanha"
(Fernando Pessoa)

Completam-se no dia 7 de setembro cento e cinquenta anos sobre o nascimento, em Coimbra, de um dos mais peculiares e geniais escritores portugueses, Camilo Pessanha.

Estudante de Direito, sem particular brilho, concluiu o curso em 1891. Apesar de os seus anos de vida universitária terem coincidido com a difusão, na cidade do Mondego, da corrente estética simbolista, defendida nas publicações rivais Os Insubmissos e Bohemia Nova, a participação do poeta nos círculos literários da cidade foi relativamente marginal. A sua formação artística e a sua iniciação na poesia decorreriam de forma muito mais pessoal e recatada, o que não impediu que tenha construído uma obra que o coloca num lugar cimeiro entre os poetas simbolistas portugueses e faz dele um dos principais mestres da moderna poesia lusitana.

Grande parte da sua vida decorreu em Macau, território colonial para onde partiu em 1894, destinado à docência liceal, mas onde também exerceu outras atividades profissionais, como as de Conservador do Registo Predial, juiz e advogado. Aí viria a falecer em 1926, tendo passado, no entanto, largas temporadas em Portugal, beneficiando dos períodos normais de férias a que tinha direito como funcionário colonial, acrescidos de licenças extraordinárias para tratamento médico. Foi assim que pôde, ininterruptamente, permanecer na então metrópole entre 1905 e 1909. Mas foi sobretudo na sua última visita a Portugal (1915-1916) que Camilo Pessanha teve consciência de ser objeto de admiração e de culto por parte das novas gerações literárias lusas.

A sua permanência em Macau, onde não seria nunca uma figura consensual, sobretudo no que respeita à sua prática como juiz, levou-o a uma aproximação da cultura e da arte chinesas, que se concretizaria na produção de textos ensaísticos, traduções e na coleção de arte que legou ao Estado Português e faz atualmente parte do espólio do Museu Machado de Castro.

Pouco interessado nas glórias mundanas e com uma vida familiar sempre instável, encontrou na poesia a forma de exprimir conotativamente, através de uma imagética carregada de símbolos de caráter negativo, as suas emoções e sentimentos profundos, sem ser forçado a comprometer a sua intimidade.

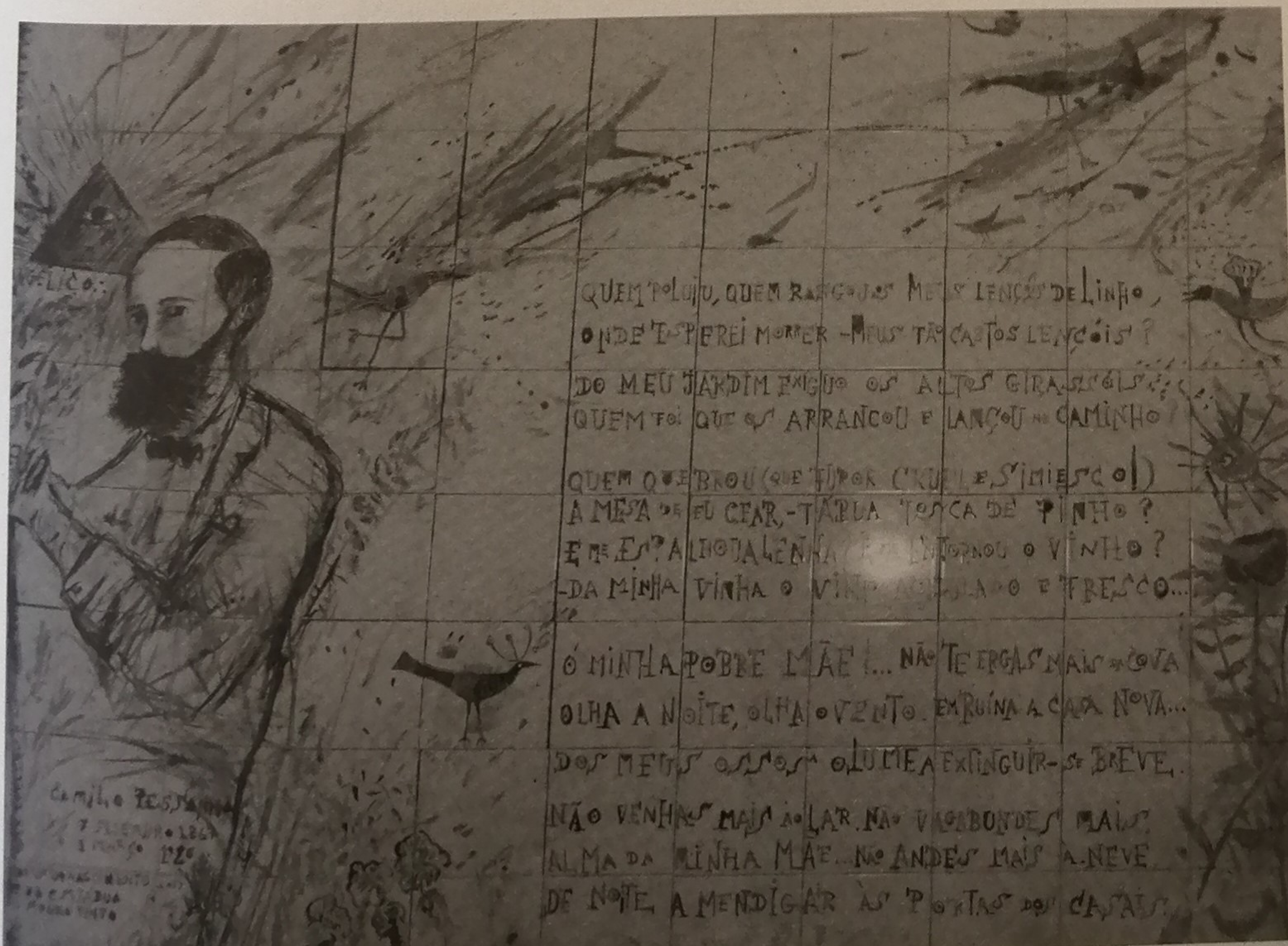
Antes mesmo de ter publicado qualquer livro, já o seu nome era apontado como um dos grandes criadores literários portugueses, sendo objeto de intensa veneração, na segunda década do século XX, pelos poetas da geração do Orpheu. É sobejamente conhecida a carta de 1914 em que Mário de Sá-Carneiro pede a Fernando Pessoa que lhe remeta uma cópia de alguns poemas de Camilo Pessanha, que aquele conseguira através de Carlos Amaro; e não é menos famosa a resposta enviada pelo autor de A Confissão de Lúcio, em abril do mesmo ano, ao inquérito promovido pelo diário República, "O mais belo livro dos últimos trinta anos", em que o mesmo poeta órfico declara que a melhor obra literária dos últimos trinta anos era um livro não publicado, aquele "que reunisse os poemas inéditos de Camilo Pessanha, o grande ritmista". A descrição que Sá-Carneiro faz da estética de Pessanha aproxima-se extraordinariamente do projeto paúlico da geração do Orpheu: "Rodopiantes de Novo, astrais de Subtileza, os seus poemas engastam mágicas pedrarias que transmudam cores e músicas, estilizando-se em ritmo de sortilégio — cadências misteriosas, leoninas de miragem, oscilantes de vago, incertas de Íris. Pompa heráldica, sombra de cristal zebradamente roçagando cetim...". Efetivamente, nenhum outro poeta português da geração simbolista, conseguiria explorar tão profundamente como Pessanha a capacidade autorreferencial e demiúrgica do discurso poético.

Fernando Pessoa reconheceria, em carta a João Gaspar Simões, datada de 11 de dezembro de 1931, ter sido influenciado por Camilo Pessanha, uma influência que parece evidente nalguns conjuntos poéticos do ortónimo, como é o caso de Além-Deus e Passos da Cruz, não menosprezando a existência, como o próprio Pessoa sublinhou, de leituras e influências comuns. É sabido que o autor da Ode Marítima pretendia publicar poemas de Pessanha no Orpheu 3, que seriam colocados em lugar de honra. Tendo-se gorado essa possibilidade, por motivos que são sobejamente conhecidos, acabaria por ser Luís de Montalvor, um dos diretores do Orpheu 1, a conseguir a cedência de 16 poemas de do autor de "Ao longe os barcos de flores" para inserir no número único da revista decadentista Centauro, de 1916. Depois de concretizada a publicação, em 1920, da primeira edição da Clepsidra nas Edições Lusitânia, de que era proprietária Ana de Castro Osório, a paixão não correspondida do poeta, António Ferro apressar-se-ia a declarar que a sua geração passara a ter um missal e um relógio: o livro de Camilo Pessanha.

Este reconhecimento é corroborado pelo autor de Mensagem, que, num apontamento datado de novembro de 1934 (cerca de um ano antes da sua própria morte, portanto), registava que apenas três poetas portugueses dos séculos dezanove e vinte mereciam o nome de mestres: Antero de Quental, Cesário Verde e Camilo Pessanha:

O primeiro ensinou a pensar em ritmo; descobriu-nos a verdade de que o ser imbecil não é indispensável a um poeta. O segundo ensinou a observar em verso; descobriu-nos a verdade de que o ser cego, ainda que Homero em lenda o fosse e Milton em verdade se tornasse, não é qualidade necessária a quem faz poemas. O terceiro ensinou a sentir veladamente; descobriu-nos a verdade de que para ser poeta não é mister trazer o coração nas mãos, senão que basta trazer nelas a sombra dele.

ANTÓNIO APOLINÁRIO LOURENÇO
Sócio do GAAC - Grupo de Arqueologia e Arte do Centro



Projecto de arquitectura de Jorge Gonçalves e painel de azulejos de Alberto Péssimo no Jardim Sarah Beirão, Tábua, Inaugurado a 9 de Setembro de 2017.

fala de Eugénio no túmulo de Pessanha


Eugénio de Andrade a depor um ramo de flores no túmulo de Camilo Pessanha Macau Out. 1990 - Foto de Dario Gonçalves

estas flores que te trago, não são apenas minhas: eflúvio de flores legítimas de puro aroma e tão delicadas, que o mais breve rumor da brisa da manhã pode derrubá-las, ante o sol branco e impiedoso sobre a laje marmórea, onde amortalhado se decompõe o corpo; mas não a mente inquieta que legaste à eternidade da clepsidra, que desde já afirmo, ter sido o mais sublime título emprestado a um livro em que toda uma vida se encerra. a água que verte marca o tempo. tudo o resto é conversa fiada. palimpsesto hermenêutico na eólica visão do futuro.
não são apenas minhas estas flores que te trago, angélico poeta dos lençóis de linho e das tábuas rasas do desconforto das mesas em que o vinho acidulado e não de enológica colheita, tem o travo amargo de uma infância não vivida; oh! também eu morro devagar nesta evocação sobre o teu túmulo, meu angélico poeta de poetas. quero tal como Rimbaud, *cantar no suplício*.
estas flores que te trago não são apenas minhas, partilho-as com todos os poetas que nesta língua comungam a introdução da metáfora mais densa e fragmentada da razão em que os símbolos, carregados pela presença do consciente ou do inconsciente, do coração ou da voz, seja ela a portadora do imaginário poético em que toda a linguagem contemporânea se alicerça. e se o acto poético exige de nós um impossível conhecimento intrínseco do ser e da sua circunstância é não menos verdade que é contra a vilania da ausência de humanidade, nestes conturbados tempos actuais, que a íntima natureza do poeta se rebela.
este eflúvio de flores e de palavras, que no teu túmulo deposito, estão inundadas da mesma simbologia tão pura e fraterna desse teu tão singelo verso: *conchas, pedrinhas, pedacinhos de ossos...*

José Queiroga
Julho 2017

Ao Angélico Camilo Pessanha

Uma verdade que mente
É o que sendo em mim fala
Como quem ouve somente
As mágoas que sente e cala.

E ainda pouca que seja
Mesmo tendo o seu fundo
Repousa leve e deseja
O pouco que levo do mundo.

Não é alegre nem triste
A voz inteira ao chamar
E entrega quando resiste
A esta forma de amar.

E mesmo que muita fosse
Ainda que funda seja
De tão amarga é bem doce
E leve na boca me beija.

Carlos Maia Teixeira

Do cair da noite ao romper do dia

Em memória de Camilo Pessanha

1.FLORES DE LIS EM JARRO DE ÁGUA

Como sou um poeta banal
não posso senão coçar a cabeça
e dizer baixinho, como quem quer
passar despercebido, que o Pessanha,
Camilo era um homem estranho,
tão estranho que se estivesse vivo
seria um caso perdido para a poetice
nacional. O homem foi autor
de apenas um livro e, depois,
lá lhe publicaram a prosa e
umas traduções, que já nem se encontram
nessas lixeiras a que, oh doce lirismo,
ainda chamam livrarias.
Era tão estranho e tão dono de ouvido
simbólico que foi mestre de gerações,
a começar logo na desse outro maluquinho
que se tornou um caso internacional.
Nasceu em 67,
ano de colheita vintage,
senão veja-se húmus e só.
Ele há poetas assim, sós, clepsidras,
que saíram de Coimbra para
a arte real, com a morte a latir
e uma vontade muito grande
de se porem a milhas da lusa
vidinha. Este foi, para Macau,
para o ópio de sentir os ramos
entrelaçados das flores da ameixoeira.
Vejo-o numa foto, retorcido
e apoiado à bengala. Parece
feliz no meio do maralhal
que assinala ali, diante de Camões,
na Cidade do Nome de Deus,
a criação de um Instituto.
Ao lado tem o picaroto bispo
com quem partilhava rituais
e o ter crescido na ilha em frente,
aquela que leva o nome do
que combatia os dragões. Hoje,
como então, a montanha esplende
de régia majestade. Hoje,
como então, o tempo mede-se
com a salínea água da solidão,
adonai nekam.

2.IMAGENS QUE PASSAM PELA RETINA

Sou um solitário ou, o que vai a dar no mesmo,
um selvagem que tem andado em mãos de
vigaristas, carteiristas e gatunos.
Cá estou por dentro a rir-me
de tão altas personalidades
com o seu ar de fidalguia e untuosidade sacrista
que por aí se saracoteiam nas suas fatiotas,
ou esse que assiste no Olimpo das artes,
pobre alminha ténue, toda a esvair-se em olor.
Às vezes dá-me para viver duas vidas em simultâneo
embora muito distantes uma da outra.
É uma telha de mágoas e outra de indolência,
pois de facto não passo de um vagabundo,
desses que se incomodam com os que sofrem
e estão longe e que não raro acordam
alagados em suor depois de um pesadelo.
Queria escrever coisas longas, mas perco-me.
Este degredo que ainda leva o país nas entranhas
já não interessa a quase ninguém,
mas a mim dá-me prazer andar por aí
no meio do ferro velho e doutros lugares
à cata de material. E agora calo-me que
sinto a moleza a liquefazer-me os ombros
e a distender-me as pernas. Abraça-o,
saudoso e agradecido o Camilo.

CARLOS BESSA

A Camilo Pessanha

Não sendo autor de uma "Novidade total" ou de uma "Originalidade absoluta", Camilo Pessanha poderá não marcar uma fronteira na literatura portuguesa mas a CLEPSYDRA sim, marca. Pode não existir um "antes" e um "depois" de Pessanha, mas há-o em relação à sua poesia. O tardio reconhecimento da grandeza poética - e também humana - não retirou à sua obra-prima o carácter, ainda que inconsciente e involuntário, de charneira. É um livro de viragem. É um texto de mudança. É um título fundador.

A Pró-Associação 8 de Maio - "PENSAR - AGIR - TRANSFORMAR" alegra-se pelo aniversário em curso e associa-se a este momento/acto divulgador do génio e da originalidade deste homem-bom, angélico, por vezes.

Quem foi, que força tinha, que espírito lhe sobrevive? Porque teimamos, os homens, em convocá-lo para as nossas mesas, salas e bibliotecas? E porque não desistimos dos seus, poucos, versos? E porque conhecemos pouco os seus, muitos, textos: jurídicos, artísticos, críticos, pedagógicos, epistolares, ficcionais ou de intervenção social?

Quem és, Pessanha, que nos inquietas há um século e sobre quem não paramos de escrever, citar e reflectir? Porque perturbaste o caminho suave das letras portuguesas finisseculares e transformaste o leito calmo e plano em acidentado e vertiginoso? Não te chegava existir, tinhas que ensombrar os outros com a tua existência? Não te bastava seres bom, tinhas que ser grande? Tão grande? Quando te olho na fronte percebo melhor a timidez dos que de ti se desviaram.

Quiseste ser apenas tu e transformaste os outros. Viveste com a angústia do dever e da experiência do infinito. Tu foste inovação, perturbação e anúncio. A tua poesia não diz, não compara, tudo sugere e idealiza. É de símbolo e mistério. Mas também do tempo, da passagem, da inevitável aproximação. Do fim.

"Denso, às vezes sombrio mas sempre fascinante" (Carlos Reis), Camilo Pessanha deixa um legado de procura, de perfeccionismo e de ousadia onde outros apontam desistência, abandono e timidez. Deixa uma vida curta mas enorme, uma obra breve mas luminosa e sobre as duas se escreveu e disse tanto, havendo outro tanto por dizer.

Saudemo-lo!

post scriptum:

Coincidência curiosa e inexplicável, quase premonitória, é Camilo Pessanha nascer em 1867, precisamente quando se abolia a pena de morte em Portugal, facto que igualmente comemoramos.

Pró-Associação 8 de Maio

Para Camilo Pessanha

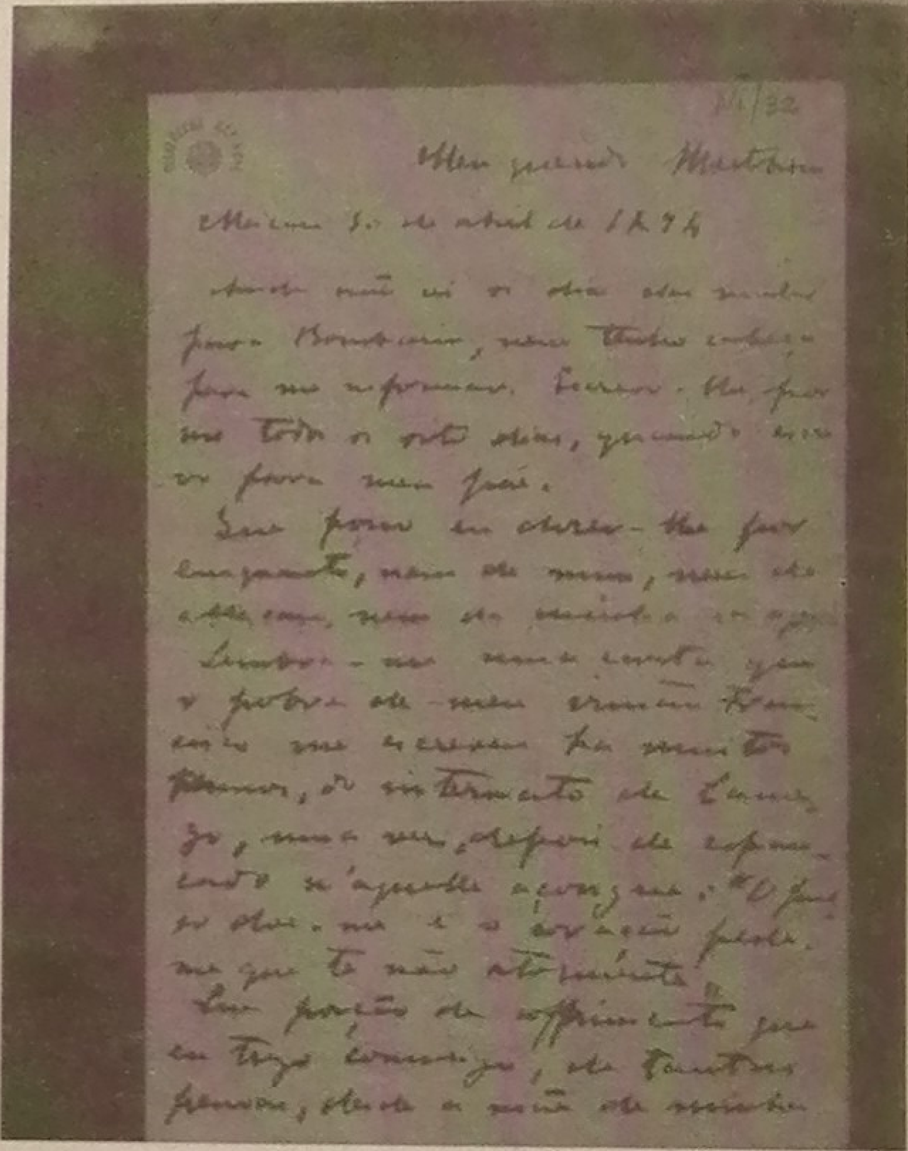
Há homens que fazem cintilar a tristeza
transformam os restos em ecos
e os rastos em delicadeza
anunciando quão útil poder ser
o que já se desvanece

Aquilo que mil vezes foi escrito
até por eles mesmos
parece sempre imprevisível
e capaz de se zangar com o destino

Há homens requintados
mas quase mendicantes
que morrem rodeados
de jovem mulheres e filhos de mama
repetindo a mãe que é só uma
no sangue convulsivo
e na longa dobra do lençol

Há homens que deixam às repúblicas futuras
apenas um punhado de versos
apenas um punhado
e o ponto de vista raramente ouvido
do cidadão que nasceu bastardo

Regina Guimarães



BNP esp. N1.32

Rendição a um poema de Camilo Pessanha

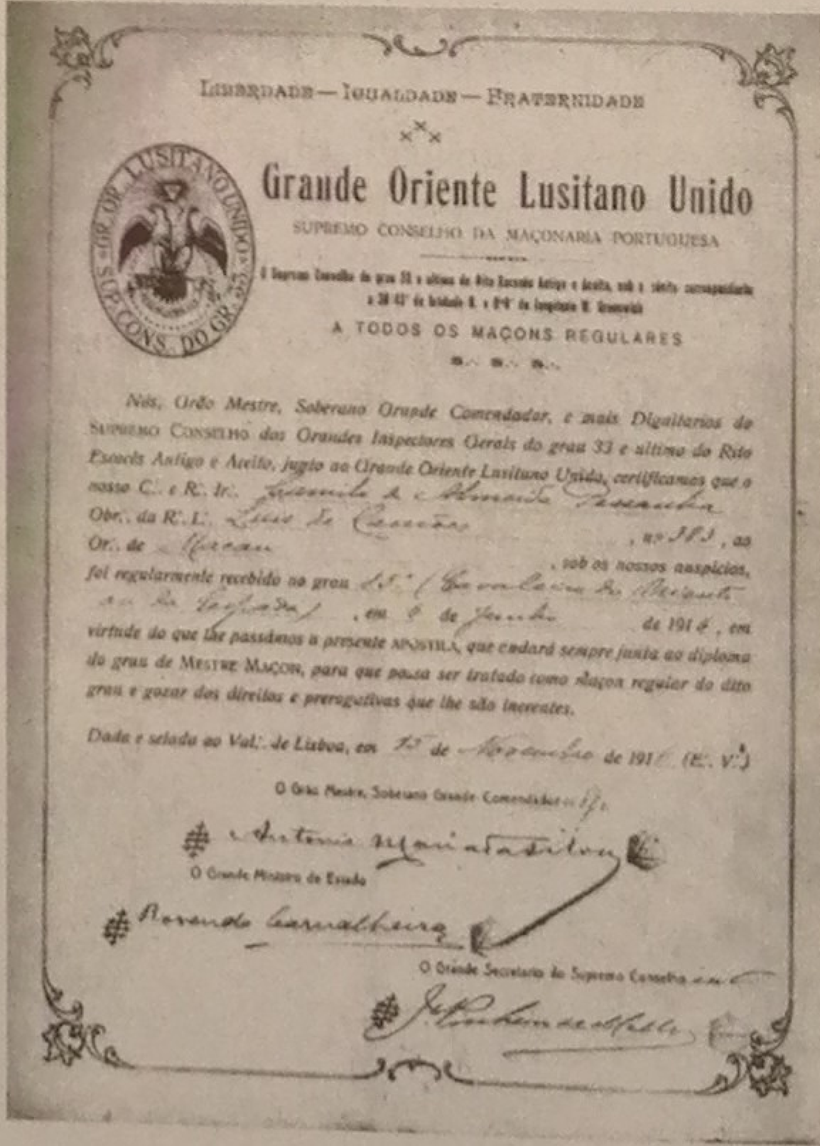
Sigo o meu rasto andando, rodando
em torno de um poeta, e despejado,
obscuro escondo os olhos míopes
num buraco da parede bebendo
o derradeiro café expresso na minha
azeda companhia, mas permaneço
sentado na enorme pedra-mármore
do passado, infinitamente anoitecido,
folheando uma velha revista de gelo,

com os olhos turvos de lágrimas contidas
segundo o sopro amargo de um vento
que nasce aqui entre os meus domínios,

todavia ainda aguardo a confiança (bailata)
que as iluminações sejam favos de mel,

Porto, 21, 7. 2017

José Viale Moutinho



Liberdade — Igualdade — Fraternidade

Grande Oriente Lusitano Unido

Supremo Conselho da Maçonaria Portuguesa

A todos os Maçons Regulares

Nós, Grão Mestre, Soberano Grande Comendador, e mais Dignitarios do Supremo Conselho dos Grandes Inspectores Geraes do grau 33 e ultimo do Rito Escocês Antigo e Aceito, junto ao Grande Oriente Lusitano Unido, certificamos que o nosso C.˙. e R.˙. Ir.˙. Camilo de Almeida Pessanha Obr.˙. da R.˙. L.˙. Luis de Camões, n.º 383, ao Or.˙. de Macau, sob os nossos auspicios, foi regularmente recebido no grau 15.º (Cavaleiro do Oriente ou da Espada), em 6 de Junho de 1914, em virtude do que lhe passámos a presente Apostila, que andará sempre junta ao diploma do grau de Mestre Maçon, para que possa ser tratado como Maçon regular do dito grau e gozar dos direitos e prerogativas que lhe são inerentes.

Dado e selado no Val.˙. de Lisboa, em 15 de Novembro de 1916 (E.˙. V.˙.)

O Grão Mestre, Soberano Grande Comendador

O Grande Ministro de Estado

O Grande Secretario do Supremo Conselho

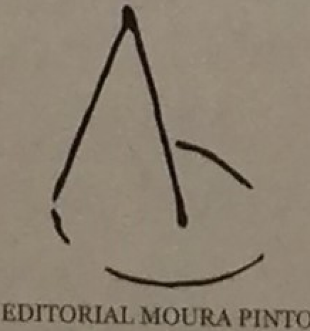
Camillo_Pessanha
Apostila do 15º grau maçonico



Rua Principal Biblioteca (antigos paços do concelho)

Edição 500 exemplares
Distribuídos gratuitamente, em Tábua, no dia 9 de Setembro de 2017.

Homenagem da Editorial Moura Pinto e da Câmara Municipal de Tábua.





GAAC
Pró-Associação 8 de Maio

Retrato de Camilo Pessanha por Alberto Péssimo

Breve Antologia de Camilo Pessanha

Inscrição

Eu vi a luz em um país perdido.
A minha alma é lânguida e inerme.
Oh! Quem pudesse deslizar sem ruído!
No chão sumir-se, como faz um verme...

Caminho




Amália Soares

I

Tenho sonhos cruéis; n'alma doente
Sinto um vago receio prematuro.
Vou a medo na aresta do futuro,
Embebido em saudades do presente...

Saudades desta dor que em vão procuro
Do peito afugentar bem rudemente,
Devendo, ao desmaiar sobre o poente,
Cobrir-me o coração dum véu escuro!...

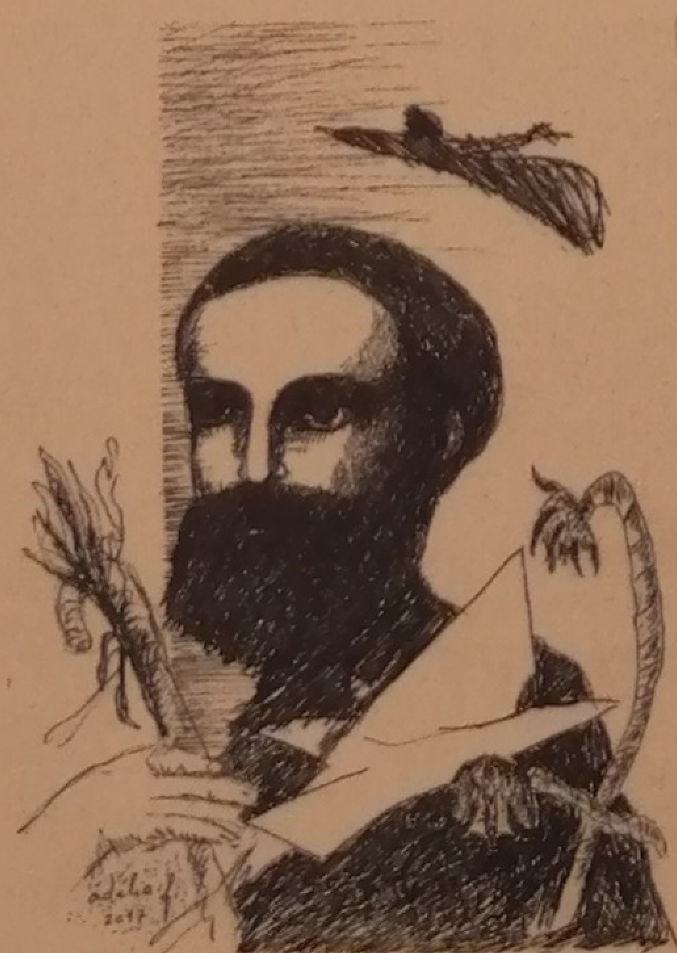
Porque a dor, esta falta d`harmonia,
Toda a luz desgrenhada que alumia
As almas doidamente, o céu d'agora,

Sem ela o coração é quase nada:
Um sol onde expirasse a madrugada,
Porque é só madrugada quando chora.

II

Encontraste-me um dia no caminho
Em procura de quê, nem eu o sei.
- Bom dia, companheiro, te saudei,
Que a jornada é maior indo sozinho

É longe, é muito longe, há muito espinho!
Paraste a repousar, eu descansei...
Na venda em que poisaste, onde poisei,
Bebemos cada um do mesmo vinho.


Adélia F.


Isabel Amaral

É no monte escabroso, solitário.
Corta os pés como a rocha dum calvário,
E queima como a areia!... Foi no entanto

Que choramos a dor de cada um...
E o vinho em que choraste era comum:
Tivemos que beber do mesmo pranto.

III

Fez-nos bem, muito bem, esta demora:
Enrijou a coragem fatigada...
Eis os nossos bordões da caminhada,
Vai já rompendo o sol: vamos embora.

Este vinho, mais virgem do que a aurora,
Tão virgem não o temos na jornada...
Enchamos as cabaças: pela estrada,
Daqui inda este néctar avigora!...

Cada um por seu lado!... Eu vou sozinho,
Eu quero arrostar só todo o caminho,
Eu posso resistir à grande calma!...

Deixai-me chorar mais e beber mais,
Perseguir doidamente os meus ideais,
E ter fé e sonhar d'encher a alma.

Quem poluiu, quem rasgou os meus lençóis de linho,

Quem poluiu, quem rasgou os meus lençóis de linho,
Onde esperei morrer, – meus tão castos lençóis?
Do meu jardim exíguo os altos girassóis
Quem foi que os arrancou e lançou ao caminho?

Quem quebrou (que furor cruel e simiesco!)
A mesa de eu cear, – tábua tosca, de pinho?
E me espalhou a lenha? E me entornou o vinho?
- Da minha vinha o vinho acidulado e fresco...

Ó minha pobre mãe!... Não te ergas mais da cova.
Olha a noite, olha o vento. Em ruína a casa nova...
Dos meus ossos o lume a extinguir-se breve.

Não venhas mais ao lar. Não vagabundes mais,
Alma da minha mãe... Não andes mais à neve,
De noite a mendigar às portas dos casais.



Isabel Aguiar



Laura Maria

Poema final

Ó cores virtuais que jazeis subterrâneas,
– Fulgurações azuis, vermelhos de hemoptise,
Represados clarões, cromáticas vesânias,
No limbo onde esperais a luz que vos baptize,

As pálpebras cerrai, ansiosas não veleis.

Abortos que pendeis as frontes cor de cidra,
Tão graves de cismar, nos bocais dos museus,
E escutando o correr da água na clepsidra,
Vagamente sorris, resignados e ateus,

Cessai de cogitar, o abismo não sondeis.

Gemebundo arrulhar dos sonhos não sonhados,
Que toda a noite errais, doces almas penando,
E as asas lacerais na aresta dos telhados,
E no vento expirais em um queixume brando,

Adormecei. Não suspireis. Não respireis.

Camilo Pessanha in Clepsidra e outros poemas.

Breve antologia da poesia de Camilo Pessanha
escolhida por José Queiroga.

Ao longe os barcos de flores

Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranquila,
– Perdida voz que de entre as mais se exila,
– Festões de som dissimulando a hora.

Na orgia, ao longe, que em clarões cintila
E os lábios, branca, do carmim desflora...
Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranquila.

E a orquestra? E os beijos? Tudo a noite, fora,
Cauta, detém. Só modulada trila
A flauta flébil... Quem há-de remi-la?
Quem sabe a dor que sem razão deplora?

Só, incessante, um som de flauta chora...



Madalena Pinheiro



Odília Rocha

Fonógrafo

1

Vai declamando um cómico defunto.
Uma plateia ri, perdidamente,
Do bom jarreta... E há um odor no ambiente
A cripta e a pó — do anacrónico assunto.

Muda o registo, eis uma barcarola:
Lírios, lírios, águas do rio, a lua...
Ante o Seu corpo o sonho meu flutua
Sobre um paul — extática corola.

Muda outra vez: gorjeios, estribilhos
Dum clarim de oiro — o cheiro de junquilhos,
Vívido e agro! — tocando a alvorada...

Cessou. E, amorosa, a alma das cornetas
Quebrou-se agora orvalhada e velada.
Primavera. Manhã. Que eflúvio de violetas!

2

Esvelta surge! Vem das águas, nua,
Timonando uma concha alvinitente!
Os rins flexíveis e o seio fremente...
Morre-me a boca por beijar a tua.

Sem vil pudor! Do que há que ter vergonha?
Eis-me formoso, moço e casto, forte-
Tão branco o peito! – para o expor à Morte...
Mas que ora – a infame! – não se te anteponha.

A hidra torpe!... Que a estrangulo... esmago-a
De encontro à rocha onde a cabeça te há-de,
Com os cabelos escorrendo àgua,

Ir inclinar-se, desmaiar de amor,
Sob o fervor da minha virgindade
E o meu pulso jovem de gladiador.



Isabel Costa



Margarida Figueira

Vénus

I

À flor da vaga, o seu cabelo verde,
Que o torvelinho enreda e desenreda...
O cheiro a carne que nos embebeda!
Em que desvios a razão se perde!

Pútrido o ventre, azul e aglutinoso,
Que a onda, crassa, num balanço alaga,
E reflui (um olfacto que se embriaga)
Como em um sorvo, murmura de gozo.

O seu esboço, na marinha turva...
De pé flutua, levemente curva;
Ficam-lhe os pés atrás, como voando...

E as ondas lutam, como feras mugem,
A lia em que a desfazem disputando,
E arrastando-a na areia, co'a salsugem.

II

Singra o navio. Sob a água clara
Vê-se o fundo do mar, de areia fina...
– Impecável figura peregrina,
A distância sem fim que nos separa!

Seixinhos da mais alva porcelana,
Conchinhas tenuemente cor-de-rosa,
Na fria transparência luminosa
Repousam, fundos, sob a água plana.

E a vista sonda, reconstrui, compara,
Tantos naufrágios, perdições, destroços!
– Ó fúlgida visão, linda mentira!

Róseas unhinhas que a maré partira...
Dentinhos que o vaivém desengastara...
Conchas, pedrinhas, pedacinhos de ossos...



Maria Guia Pimpão

Biografia Breve de Camilo Pessanha

1867 – No dia 7 de Setembro nasceu Camilo de Almeida Pessanha, em Coimbra. Filho de Francisco de Almeida Pessanha, (1845 – ??) e de Maria do Espírito Santo Duarte Nunes Pereira, natural de Tábua (1835 – 1990), sua governanta.
1884 – Pessanha conclui o curso dos liceus, é perfilhado em Coimbra pelo pai e matricula-se na Faculdade de Direito.
1885 – O dia 14 de Outubro é a data da sua primeira poesia conhecida "Lúbrica".
1887 – A primeira publicação acontece na Gazeta de Coimbra com a poesia "Madrigal".
1889 – Escreve no jornal Novo Tempo de Mangualde um curioso texto recordando férias passadas em casa dos avós maternos: *Conheço bem por essa Estrada da Beira fora os cantoneiros que se perfilam à borda das valetas, reluzindo ao sol a chapa de metal e os vivos encarnados; ranchos de pequenitos pelos balcões de cada casebre; pastoritos seguindo-nos longamente das ribanceiras com o olhar dos seus olhos pretos, meigos; conheço bem tudo isto; sinto bem saudades de tudo isto... e o alvoroço com que se é esperado, a efusão com que se é recebido em um casalejo – no meu casalejo todo escondido entre sobreiros e pinheirais.*



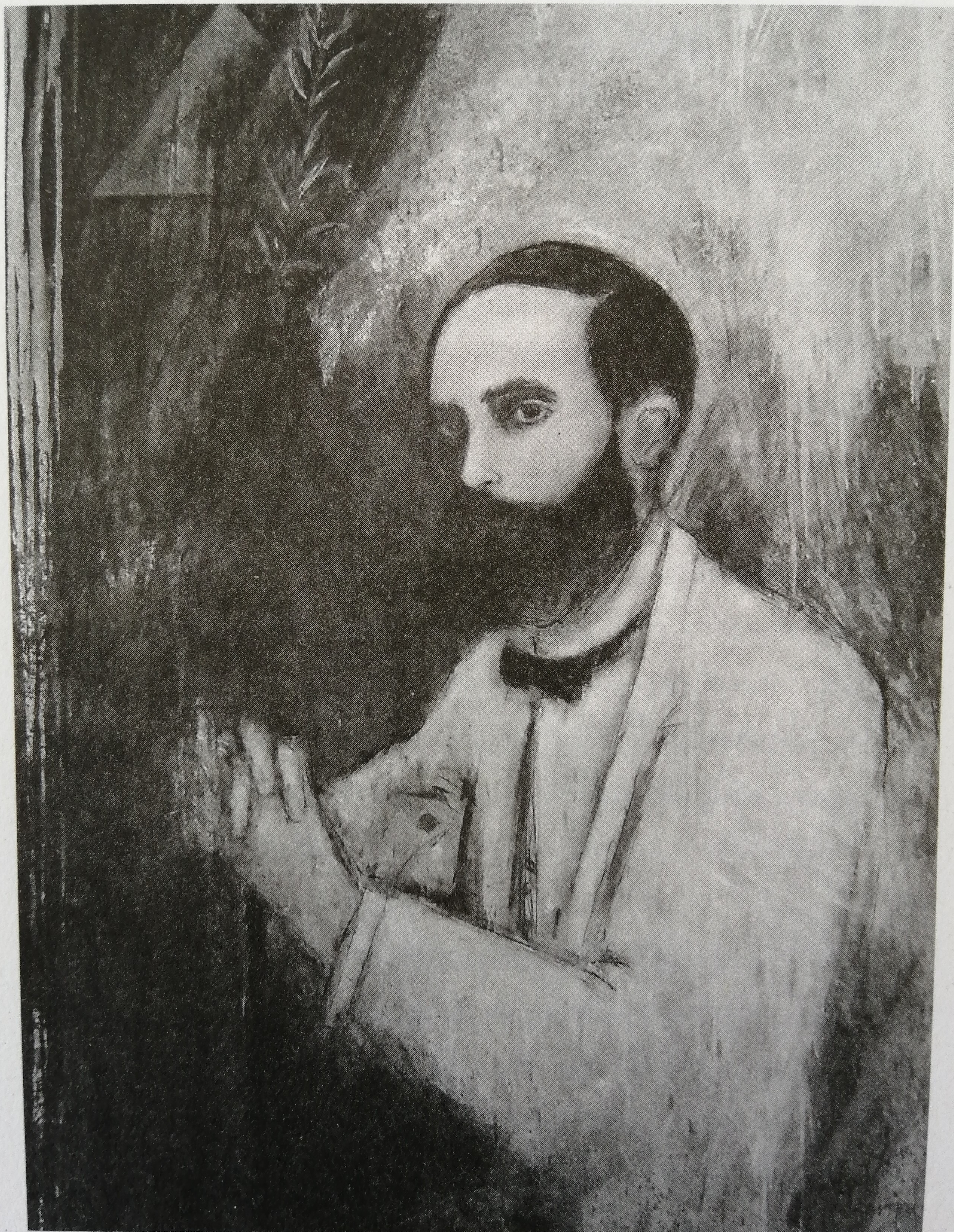
Próximo da Capela de Santo António, em Pereira, freguesia de Mouronho, concelho de Tábua, terá passado períodos de férias.

1891 – Conclui o curso de Direito, o pai é colocado em Lamego como juiz, onde a mãe e os seus irmãos já residem há alguns anos.
1892 – Pessanha é nomeado subdelegado do procurador régio em Mirandela. No final do ano pede transferência para Óbidos, onde trabalha com Alberto Osório de Castro, juiz municipal, seu colega em Direito e amigo cuja amizade durará toda a vida. Pensa exercer em Timor, depois em Damão. Acabando, porém, de concorrer a Macau, no ano seguinte.
1893 – Pede em casamento Ana de Castro Osório, que declina por já estar comprometida. Em Dezembro é nomeado professor de Filosofia Elementar no Liceu Nacional de Macau.
1894 – O poeta chega ao porto de Macau em Abril e toma posse como professor. A 22 de Abril recebe carta do pai a comunicar-lhe que a mãe está muito doente. A 30 de Abril escreve ao seu amigo de sempre, Alberto Osório de Castro. Acentua-se a dor e o desespero: *"Que porção de sofrimento que eu trago comigo, de tantas pessoas, desde a mãe da minha mãe, que morreu no hospital! (...) Eu mal virei costas e quando olhei para trás tudo era uma ruína. Tudo, tudo; o chão todo em covões, da terra que foi com as raízes. Do castelo não ficou pedra sobre pedra. E eu, que tinha saudades de quanto ia deixando, até de Barcelona, onde estive cinco dias, até de Colombo onde estive duas horas. Porque a gente é bem um grumo de sangue, que por toda a parte se vai desfazendo e vai ficando. Agora, que solidão a minha! Se alguma vez voltar, meu pai já não há-de estar em Lamego, e em Mouronho não tenho nada: nem parentes, nem amigos, nem duas telhas para me cobrirem. Nem Mangualde, nem Óbidos e a quinta da Pegada, para eu ter minha Mãe em casa minha, nem Mirandela, nem Lisboa, nem Setúbal... Já devem ter despejado o travesseiro que minha Mãe encheu de rosmaninho para eu dormir, já devem ter feito em cacos a pequena chávena da China em que minha Mãe me dava o café, já devem ter deitado ao lume a mesa de pinho em que minha Mãe me punha o jantar. Quem me dera poder ir acudir a todas essas tristes coisas. E em redor de mim toda esta estupidez. Escreva-me, escreva-me, porque, além das suas cartas, não tenho nada de meu."(1)*
1895 – Escreve uma primeira versão do soneto dedicado à mãe "Tornada". Em Macau propaga-se uma epidemia de peste bubónica. No final deste ano muda-se para residência própria, onde se instala com uma governanta chinesa de nome Lei Ngoi Long.
1896 – Está doente e muito fraco. Reelabora o soneto "Quem poluiu, quem rasgou os meus lençóis de linho", anteriormente intitulado "Tornada". A junta médica diagnostica uma astenia geral e prescreve regresso ao reino para se curar. Pelo que regressa a Lamego. Entretanto, nasce em Macau, João Manuel, filho do poeta e da sua governante chinesa. Escreve "O fonógrafo".
1897 – Regressa a Macau, onde aprofunda amizade com Venceslau de Moraes, seu colega professor no liceu.
1899 – O pai de Camilo é transferido para Braga, instalando-se na Quinta da Armada com os filhos e a governanta. O poeta regressa a Portugal.
1900 – Publica em Abril os dois poemas de "Vénus", o ultimo verso deste poema constituído por dois sonetos, termina com a frase: "conchas, pedrinhas, pedacinhos de ossos". Eugénio de Andrade viria, mais tarde, a considerar este como o mais belo verso da poesia portuguesa. Em Junho está de novo em Macau. A 14 de Dezembro, a mãe do poeta morre em Braga, com cinquenta e poucos anos. Nesse ano ainda, Pessanha publica "Ao longe os barcos de flores".
1905 – Está de novo doente e volta a Portugal, instalando-se em Braga.
1907 – O pai, Francisco Pessanha, é colocado no Tribunal da Relação do Porto e a família muda-se para Vila do Conde. No ano seguinte, a família muda-se para Leça da Palmeira. O seu irmão Manuel Luís é internado no hospital de Conde Ferreira, no Porto. Nesta última estadia em Portugal (1905-1909), o poeta travou amizade com Carlos Amado que o apresentou, nomeadamente, a Fernando Pessoa a quem confiou algumas cópias de poemas. Estes poemas exerceram grande influência nos modernistas, de sobremaneira em Mário de Sá Carneiro, que em carta de Dezembro de 1912 pedia encarecidamente a Pessoa, que lhos enviasse.
1909 – Embarca para Macau, onde chega após três anos e meio de ausência.
1910 – Adopta como seu nome simbólico maçónico Angélico, pertencendo à loja Luís de Camões, em Macau.
1915 – Pessanha coleccionou durante o seu tempo em Macau uma colecção de arte chinesa que foi exposto no Palácio do Governo, nesta última cidade, tendo o poeta oferecido ao Estado a colecção, hoje patente no Museu Machado de Castro, em Coimbra. Em Setembro parte para Portugal em licença graciosa. Passa o Inverno na capital, frequenta os cafés do Cais do Sodré e o Martinho. Convive com a família de Ana de Castro Osório, cujo filho João de Castro Osório recolhe as poesias que formarão a primeira edição da Clepsidra. A companheira chinesa do poeta, entretanto, morre.
Presumivelmente, data deste mesmo ano uma carta de Fernando Pessoa em que este pede autorização para publicar alguns poemas no terceiro número da revista Orpheu.
1916 – Em Maio está de regresso a Macau. A revista Centauro dirigida por Luís de Montalvor publica 15 poemas de Camilo Pessanha, cedidos por Ana de Castro Osório. Todos estes poemas farão parte da Clepsidra.
1919 – Atinge o 30º grau do "Rito Escocês Antigo e Aceito", um dos mais elevados da maçonaria.
1920 – Funda conjuntamente com outros intelectuais o Instituto de Macau, com a missão de estudar e divulgar a influência portuguesa no Oriente. Em Outubro é publicada a primeira edição da Clepsidra, organizada por Ana de Castro Osório na Editora Lusitânia, Lisboa.
1926 – 1 de Março, Camilo Pessanha morre "depois de prolongado sofrimento", vítima de tuberculose pulmonar.

José Queiroga

(1) Carta de Camilo Pessanha a Alberto Osório de Castro, in Espólio de Camilo Pessanha, Inventário de Daniel Pires e Júlia Ordorica. BNP – Lisboa. 2008.

Outras fontes: Camilo Pessanha por João Gaspar Simões, Arcádia, Lisboa. Fotobiografia de Camilo Pessanha, por Daniel Pires, Instituto Português do Oriente, 2005. O testamento de Camilo Pessanha, por Danilo Barreiros, Lisboa 1961. Cartas de Mário de Sá Carneiro a Fernando Pessoa, volume I, Edições Ática, Lisboa, 1978.



Não voltes mais, alma da minha mãe

por Nuno Higino

NÃO VENHAS MAIS, ALMA DE MINHA MÃE

Num pequeno bilhete de meia dúzia de linhas dirigido a Alberto Osório de Castro, datado de 24 de Abril de 1894, Camilo Pessanha refere uma carta que lhe tinha sido enviada por seu pai, datada de 16 de Março, a dar conta que a sua mãe estava moribunda. E pergunta: *Para que saí de Portugal?* E, como se não bastasse o golpe sobre a saúde da mãe, Pessanha dá notícia do roubo que lhe fizeram do dinheiro de um mês e queixa-se de ataques uns atrás dos outros. (Não se sabe exactamente a que ataques se refere: se os ataques da vida e do infortúnio, se a ataques nervosos que, de resto, o tinham levado a uma depressão ainda no tempo de estudante em Coimbra e que o fizeram perder um ano). E termina a breve carta rogando ao seu amigo: *abençoe-me daí que eu fiquei só de todo. Todo o meu passado que me fugiu assim que eu voltei costas. Agora escuso de tornar a Portugal*. [1]

Camilo Pessanha tinha partido de Lisboa a 19 de Fevereiro desse ano, 1894, a bòrdo do barco espanhol Santo Domingo, para ocupar o lugar de professor de filosofia que lhe tinha sido atribuído no Liceu de Macau, recém criado. Durante a viagem, aproveitando a escala em Port-Said, cidade egípcia situada na entrada do canal do Suez, Camilo comprou umas flores a um *turco impostor* e enviou-as à mãe. Em

[1] PESSANHA, C.: *Cartas a Alberto Osório de Castro, João Baptista de Castro e Ana de Castro Osório*, Lisboa, INCM, 1984, p. 45.

carta dirigida ao pai, posteriormente, dizia: *Ninguém pode imaginar a alegria que eu tive de saber que ela recebeu a minha lembrança de Port-Said. Estava em uma grande ansiedade de saber se teria sido possível fazer chegar umas flores do deserto areal da Arábia e do outro areal deserto da minha alma até ao meu amor e ao amor mocho de Madalena* [a irmã], *isto é, até à minha infância, virtual, pois que eu não me lembro de ter tido uma infância (há muitos cismáticos que nascem velhos).*[2]

A verdade é que, em nova carta do pai, de 1 de Maio, recebe a notícia das melhoras da mãe. E exclama, na volta do correio: *Ao ler a sua carta quase caí, de vertigem, tão grande foi a minha alegria e tal era a fraqueza a que os meus sofrimentos de há quase quinze dias me tinham reduzido.*[3]

Desta atribulada primeira viagem para Macau interessa reter o que ele diz acerca da mãe e a forma como a relaciona com a infância. Camilo Pessanha diz expressamente a sua alegria por as flores terem chegado do areal da sua alma até ao seu amor (a mãe), isto é, até à sua infância. Fazer chegar as flores à mãe é o mesmo que fazê-las chegar à infância. Mas a infância é caracterizada por ele como *virtual*, pois que não se lembra de ter tido infância. E acrescenta, entre parêntesis, *há muitos cismáticos que nascem velhos*. Que cisma seria essa? Donde lhe terá

---

[2] PESSANHA, C.: citado em GASPAR SIMÕES, J.: *Camilo Pessanha*, Lisboa, Arcádia, s/d, p. 18.
[3] PESSANHA, C.: *Cartas...*, ed. cit., p. 104.

vindo? Porque seria tão imensa que lhe roubou a infância? Uma cisma é pior que uma doença, diz o povo. A cisma é uma preocupação obsessiva, uma mania, um sonho vazio, um devaneio, um rol de dúvidas e suspeitas. O cismático vive dividido, assombrado, em risco permanente de cisão. O que terá empurrado Camilo Pessanha para este estado de alma?

Muitos episódios biográficos podem ser invocados: o amor não correspondido por Ana de Castro Osório, maleitas hereditárias, o estatuto marginal da mãe dentro da estrutura familiar, etc. Os seus escritos são atravessados por uma tristeza permanente, uma ausência de conforto interior, como se uma fractura existencial o tivesse apartado definitivamente da alegria e da plenitude da vida. *Quem poluiu... quem rasgou... quem arrancou... quem quebrou... quem espalhou... quem entornou...?* O tempo e a vida de Camilo Pessanha estão desconjuntados, feridos por uma espada que não é manejada por nenhuma mão visível, como se um fantasma o perseguisse e assediasse sem descanso.

Acalma-te, acalma-te, espírito inquieto! (...) *O tempo está fora de quício. Oh, sorte maldita que quis que eu nascesse para o recompor.* Estas são palavras de Hamlet (Acto I, Cena V). Hamlet é príncipe dum estado corrompido, devassado por imoralidades. O seu pai foi assassinado pelo tio, que tomou posse do trono e da sua mãe, que

tomou por esposa. O fantasma do pai paira sobre o palácio e sobre o país. Está cada vez mais próximo. Já terá sido avistado dentro do palácio. Se ele voltar irá restaurar a justiça e a ordem.

O fantasma é uma coisa difícil de nomear: nem corpo, nem alma; nem ser nem não-ser (*ser ou não ser: eis a questão!*, reflecte Hamlet); invisível mas que se dá a uma certa visibilidade; ausente, mas com uma certa forma de presença, furtiva. O fantasma olha-nos mas não pode ser olhado, não admite reciprocidade. Ninguém pode regular ou determinar as suas vindas. A sua vinda é sempre uma reaparição, mesmo quando vem pela primeira vez. Não tem identidade nem propriedade porque é sempre fantasma de outro. O fantasma insinua-se e assedia. O assédio é a sua forma de chegar. É ingovernável, pois ninguém é capaz de prever ou programar as suas reaparições. Aparece quando aparece, sem obediência a qualquer vontade pessoal.

A filosofia, ou algumas filosofias, começaram a dar atenção aos fantasmas. Foi mesmo criado por Jacques Derrida o neologismo *fantologia* para designar uma ontologia (ciência do ser) assediada pelos fantasmas[4]. O dualismo clássico ser/não-ser, assente nos princípios metafísicos da identidade, da não contradição e do terceiro excluído foi posto em questão. Entre o ser e o não-ser pode haver

---

[4] O termo de J. Derrida, em francês, é *hantologie*, por alusão a *hanter, hantise, hanté(e)*: assediar, assédio, assediado(a). Dada a impossibilidade dum correspondente directo em português, os tradutores portugueses (o mesmo fizeram os castelhanos) utilizam o termo *fantologia* para traduzir hantologie.
Derrida utiliza o termo, ou conceitos com ele relacionados, em inúmeras das suas obras. Cito apenas as mais significativas: *Grammatologie*, *Donner le temps*, *Mal d'archive*, *La double séance*, *Apories* e, sobretudo, *Spectres de Marx*.

alguma coisa. Não se pode excluir o terceiro, uma terceira possibilidade. Um fantasma insinuou-se entre o ser e o não-ser.

Não venhas mais ao lar. Não vagabundes mais,
Alma da minha mãe... Não andes mais à neve,
De noite a mendigar às portas dos casais.

Não venhas mais, não vagabundes... O último terceto é uma espécie de esconjuro. A única possibilidade de trato com os fantasmas é o esconjuro. Esconjurar é afastar, fazer desaparecer através duma prece ou dum ritual. Há duas palavras que vão bem com o fantasma: *vagabundar* e *noite*. O fantasma é vagabundo, porque não tem rumo nem governo, e noctívoro, porque se alimenta da noite, da escuridão. *Não venhas mais ao lar*. O fantasma não tem lugar, habitação ou lar. O seu lugar é uma falta de lugar. O lar foi destruído: os lençóis rasgados, os girassóis arrancados, a mesa quebrada. O lar foi atingido no que tem de mais próprio e mais sagrado: a cama, a mesa, o jardim, a vinha. E dentro do território sagrado do lar é a mãe a deusa maior: ela faz a cama, muda e lava os lençóis; põe a mesa e arranja o jardim. É esse âmago do lar que foi destruído. Inexoravelmente. A casa não é mais do que um fantasma. *Não venhas mais ao lar, alma de minha mãe*.

É muito curioso o título que Camilo Pessanha dá a este soneto na sua

primeira versão, de Julho de 1895: *Tornada*. Tornada é o acto de tornar, de voltar, de regressar. Os espectros dão voltas e mais voltas, volteiam, tornam quando menos se espera. O seu movimento circular não pode ser interrompido e provoca enjoo e vertigem. Não é um movimento agradável, ordenado nem desejado: *Não venhas mais ao lar, alma de minha mãe*.

Apesar de alguns autores dizerem que o soneto foi escrito após a morte da mãe, isso é desmentido pelos factos. Ele foi escrito ainda ela estava viva, pois a primeira versão, como dissemos, data de Julho de 1895, sendo posteriormente corrigido por duas vezes, em Julho e Setembro de 1896. A mãe, Maria do Espírito Santo, e este é um dado certo, morreu em Braga a 14 de Dezembro de 1900. Talvez o facto de ela ter estado gravemente doente por essa altura (o pai deu-lhe notícia por carta do seu estado de saúde) o possa ter levado a supor que ela morrera, entretanto. De qualquer forma, o afastamento físico em relação à mãe é já uma antecipação da sua morte. O seu fantasma, de resto, terá começado a assediar Camilo desde o início, desde a infância, e ainda hoje perdura, pois não é possível saber onde foi sepultada, apesar dos esforços de alguns investigadores, entre eles o nosso Alberto Péssimo. O facto conhecido de o pai de Camilo nunca a ter assumido como esposa terá pesado significativamente na sua mente infantil. Ela não era mãe de pleno direito, era apenas em parte.

O seu apelido está ausente do seu nome, apesar de essa prática ser mais ou menos corrente na época. É sabido que o seu pai, Francisco Pessanha, era ainda estudante de direito quando ele nasceu. A sua mãe, uma rapariga do campo, natural de Tábua, engomadeira e servente, fora por ele seduzida em Coimbra. Apesar de nunca se terem casado a relação durou até ao fim da vida. Dessa união nasceram 5 filhos, Camilo o mais velho. A família acompanhou quase sempre as diversas colocações do pai. Depois de acabar o curso foi colocado na ilha de S. Jorge, nos Açores. Depois foi para Mogadouro. Depois para Lamego. Aqui Camilo fez a instrução primária. Regressaram aos Açores, agora para a ilha Terceira. O Dr. Francisco Pessanha ocupou depois o lugar de juiz na Vila da Praia da Vitória. Em 1882 foi para Vila Nova de Foz Côa e no ano seguinte para Vila Pouca de Aguiar. Camilo faz os estudos secundários no Liceu central de Coimbra. Terminou-os em 1884, ano que seu pai, finalmente, o perfilha.

A poluição dos *lençóis de linho*, esses *tão castos lençóis*, terá começado muito cedo e terá acompanhado esta deambulação familiar. E o facto de ele afirmar que não teve infância poderá ter a ver com esse não reconhecimento institucional da mãe por parte do pai. Ou não. O génio torturado de Camilo Pessanha poderá ter a ver com o desencontro dos tempos de que fala Shakespeare: *The time is out of joint*. Essa é uma característica ontológica do tempo, não apenas deste ou daquele tempo, desta ou daquela idade, deste ou daquele contexto

histórico. O próprio do tempo é o desacordo, o desconcerto, como cantara já também o grande Camões. Os gonzos do tempo estão fora do lugar e não existe forma de os consertar. Os poetas, em geral, pela sua própria sensibilidade poética, têm uma percepção mais afinada deste desconcerto. E cantam-no e sofrem-no. E se há momentos de algum frescor existencial, há outros de profundo sobressalto e sofrimento. As idas a Tábua, percorrendo a estrada da Beira, ficaram na lembrança de Camilo como momentos de saudade e até ternura, como ele escreve em 1889: *Conheço bem por essa estrada da Beira fora os cantoneiros que se perfilam à borda das valetas, reluzindo ao sol a chapa de metal e os vivos encarnados; ranchos de pequenitos pelos balcões de cada casebre; pastoritos seguindo-nos longamente das ribanceiras com o olhar dos seus olhos pretos, meigos; conheço bem tudo isto; sinto bem saudades de tudo isto... E o alvoroço com que se é esperado, a efusão com que se é recebido em um casalejo – no meu casalejo – todo escondido entre sobreiros e pinheirais*.[5] Assim escreve Camilo Pessanha em 1889, em Coimbra, já estudante e já depois de a mãe e os irmãos terem deixado de aí viver desde o ano anterior. Muitas vezes terá percorrido a estrada da Beira, para ir à terra da mãe, perto de Tábua, com ela e os irmãos. Mas, nesse *casalejo escondido entre sobreiros e pinheirais*, apesar das saudades, terá colhido escasso alimento para fortalecer e aclarar as memórias da

[5] PESSANHA, C.: citado em GASPAR SIMÕES, J.: *Camilo Pessanha*, ed. cit., pp. 24-25.

sua infância.

De natureza bem diferente são as palavras dirigidas a Alberto Osório de Castro, datadas de 30 de Setembro de 1908 e escritas em Leça da Palmeira. Aí fala da sua *miserável vida, ininterrupta sequência de sofrimentos físicos, de agonias morais, de tragédias, de catástrofes*. E mais adiante fala da origem de tão grandes desgraças: *Tal desgraça, ferindo-nos tão duramente a todos, neste poço de miséria e de dor que foi sempre a casa de meu pai, ainda por cima quase nos incompatibilizou uns com os outros, tornando a vida em comum um contínuo pesadelo*. E, quase no final da carta, manifesta ao seu amigo o seu mais íntimo desejo: *fugir, fugir sempre, dum lado para o outro até que a morte me recolha*.[6]

Pessanha tinha 31 anos. Estava doente do corpo e dominado por uma abolia sem remédio. O fantasma da infância e da mãe a revolutear sempre sobre a sua cabeça, a sua pobre cabeça cansada de sofrimento e povoada de contínuos pesadelos. Mesmo as poucas flores que a vida lhe permitiu colher, como as que enviou à mãe, de Port-Said, são flores do deserto, do deserto da Arábia e do deserto interior da sua alma. *Quem poluiu... quem rasgou... quem arrancou... quem quebrou... quem espalhou... quem entornou...?* Camilo Pessanha foi acometido na extensão toda da sua vida por um desarranjo *cruel e simiesco*. Um desarranjo que começou por lhe roubar a infância e,

---

[6] Cf. PESSANHA, C.: *Cartas*..., ed. Cit., pp.70-71.

depois, lhe roubou tudo o resto, incluindo a mãe. E agora, não a pode recolher porque o lar já não existe e, ele próprio, deseja *fugir, fugir sempre*, sem morada, sem lugar onde reclinar a cabeça: *em ruina a casa nova*. A situação mais humilhante da mãe é descrita nas últimas palavras do soneto: *Não andes mais à neve, / De noite a mendigar às portas dos casais*. A mãe à neve, a mendigar à porta dos casais, a mãe desprotegida de tudo: do lar, do marido, do casamento, dos filhos, da própria sepultura. *Não te ergas mais da cova*, porque até a cova é um lugar mais digno do que andar a *mendigar à porta dos casais*.

Mas não é só o fantasma da sua mãe que o atormenta. É o seu próprio fantasma. Em carta à sua particular amiga Ana de Castro Osório, datada de 3 de Junho de 1921, Camilo Pessanha fala da *minha pobre alma – há muitos anos morta*...[7] Depois duma vida obscura, de sofrimentos físicos e agonias morais, volta, como um reaparecido, o espectro da sua ruina derradeira, o fantasma do seu corpo decadente e sem alma. Solidão extrema, mas que não é apenas o resultado da passagem dos anos e da degradação da saúde, pois ainda com 27 anos, a 30 de Abril de 1894, escreve a Alberto Osório de Castro: *Agora, que solidão a minha! Se alguma vez voltar, meu pai já não há-de estar em Lamego, e em Mouronho não tenho nada: nem parentes, nem amigos, nem um pé de oliveira, nem um palmo de terra, nem duas*

---

[7] Idem, p. 83.

telhas para me cobrirem. (…) *Já devem ter despejado o travesseiro que minha Mãe encheu de rosmaninho para eu dormir, já devem ter feito em cacos a pequena chávena da China em que minha Mãe me dava o café, já devem ter deitado ao lume a mesa de pinho em que minha Mãe me punha a jantar. Quem me dera poder ir acudir a todas essas tristes coisas*.

Antes, na mesma carta, Pessanha antecipa em prosa o que virá a escrever no soneto *Quem poluiu, quem rasgou os meus lençóis de linho*. A destruição e ruina de tudo o que de mais familiar tinha a sua vida tem uma causa e um causador. Se no poema ele pergunta *Quem?* e deixa a pergunta sem resposta, aqui, na carta, identifica claramente esse agente causador: um *doido*. E que *doido* será este? Seguramente que este agente destruidor não encarna em nenhum referente biográfico, mas será uma espécie de fatalidade do destino. Afirma: *Para que servirá tamanho apego às coisas vãs – do futuro ou do passado? Depois vem logo o doido e aí entra ele de destroçar o jardim, de sovar a terra dos canteiros, de arrancar os arbustos às mãos ambas. Eu mal virei costas e quando olhei para trás tudo era uma ruina. Tudo, tudo: o chão todo em covões, da terra que foi com as raízes*.[8]

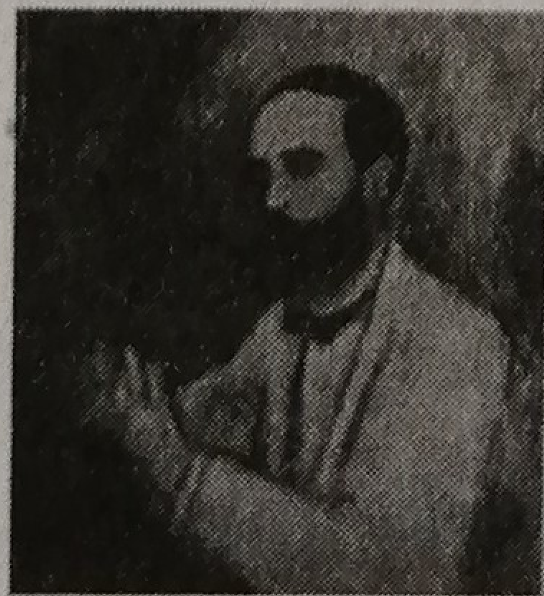
Como a mulher de Lot, Camilo Pessanha olhou para trás, para as cidades arruinadas pela chuva de enxofre, e transformou-se numa

[8] Idem, pp. 46-47.

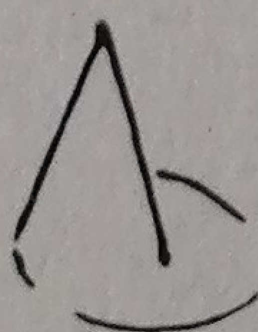
estátua de sal. A ruina é o que fica para trás, não como simples fragmentos abandonados da destruição, mas como a própria experiência, uma massa feita de carne e de espírito, uma memória sem começo. A ruina retratada por Camilo Pessanha não é um acidente que aconteceu na sua vida, ou uma sucessão de acidentes. Não é aquilo que é causado pelo envelhecimento, usura e degradação de todas as coisas. É a própria vida. A vida é ruina, desde o princípio até ao fim. Para haver começo tem que haver fractura, divisão.

As ruinas são lugares onde os espectros se insinuam e assediam. A vida é um lugar de espectros. Camilo Pessanha não acusa nem condena ninguém pela sua ruina. O *doido* é uma figura sem rosto nem biografia, tão fantasmagórico como uma alucinação e tão real como a vida. Ele teve consciência disso e formalizou-o nos sucessivos auto-retratos que de si mesmo fez com palavras e sentimentos: não foram as mazelas físicas e mentais, os desencantos amorosos ou o ópio que o arruinaram. Foi a vida. Quem vive expõem-se necessariamente à ruina: Camilo Pessanha viveu, arruinou-se. O fantasma da sua mãe é o seu próprio fantasma, o fantasma da ruina que torna e retorna em cada gesto, em cada verso, em cada acto de amor.

Nuno Higino



texto da conferência proferida
na biblioteca municipal João Brandão
por ocasião da inauguração da sala de leitura Camilo Pessanha
Tábua 9 de Setembro de 2017



EDITORIAL MOURA PINTO